

# Frans Krajcberg expõe sua indignação

Obras mostradas em Curitiba representam a revolta do artista contra desmatamentos

JOSÉ CASTELLO

**C**URITIBA — A maior exposição já realizada pelo artista plástico Frans Krajcberg, polonês radicado no Brasil, será aberta nesta quinta-feira, em Curitiba. Chama-se *A Revolta* e está dividida em duas mostras simultâneas, no Museu Metropolitan de Arte de Curitiba e no Jardim Botânico da cidade.



Frans Krajcberg

No Museu Metropolitan, a exposição começa com uma sala de 40 fotografias que têm como tema o fogo e apresentam imagens aterradoras das queimadas na Amazônia. Em uma segunda sala, Krajcberg expõe seu famoso conjunto *Os Manguezais*, composto por 29 peças. Por fim, em uma terceira sala, estão cerca de 30 esculturas trabalhadas a partir de cascas e cipós resgatados das queimadas amazônicas, espécie de memória da indiferença do homem pela natureza. No Jardim Botânico, em imensa área coberta em torno da estufa central, o artista apresenta mais cem esculturas trabalhadas a partir de restos da floresta.

"Não estou preocupado em fazer arte, mas em exprimir minha revolta contra a destruição da natureza", diz Krajcberg. Suas exposições, nos últimos anos, são sempre acompanhadas por manifestações ecológicas e atos de protesto contra a destruição. Dessa vez, é esperada a presença, ainda não confirmada, de Jacques Cousteau.

Nos eventos paralelos, destacam-se a apresentação de uma sinfonia ecológica, batizada igualmente de *A Revolta*, composta especialmente por Egberto Gismonti. E a exibição de um filme sobre a vida de Maria do Socorro Nobre, uma detenta de Salvador que escreveu a Krajcberg dizendo que só encarcerada pôde se dar conta da natureza exuberante que deixara para trás. O artista foi visitá-la em uma penitenciária baiana e ela se tornou personagem de um curta dirigido por Walter Saller Jr.

A exposição de Krajcberg em Curitiba deve, a princípio, ser reeditada no próximo ano no Beaubourg, em Paris. "Está tudo acertado, mas não sei se terei forças", observa o artista. "O desgaste é muito grande e já passei dos 70 anos."

Krajcberg tem, hoje, três residências: em Paris, no Rio de Janeiro e em Nova Viçosa, no sul da Bahia. É nessa última que ele pretende se recolher, a partir de julho, para descansar e trabalhar. *A Revolta* estará em cartaz até 22 de junho. Enquanto acompanhava, tenso e atento, a montagem de suas esculturas no Museu Metropolitan de Curitiba, Krajcberg deu a seguinte entrevista:

★  
**Caderno 2 — O senhor é um homem revoltado?**

**Krajcberg** — Minha revolta é, sempre, contra a destruição, é sempre uma resposta a uma agressão. Dessa vez, o tema de minha exposição é a destruição pelo fogo. Minhas esculturas são o modo que tenho de me revoltar. Não faço esculturas para o mercado, ou para vender, ou para me consagrar. Minhas obras são materiais trazidos das queimadas, pedaços de carvão que antes foram belíssimas árvores.

Não faço arte para me exibir, mas para denunciar e despertar a consciência das pessoas. Não estou fazendo uma exposição de esculturas. Exponho, somente, a minha indignação. Só isso me interessa agora. Quanto a ser um homem revoltado, bem, essa é uma boa maneira de me definir.

**Caderno 2 — A idéia de arte não o interessa mais?**

**Krajcberg** — Não penso em arte, não penso em fazer arte, não penso mais em termos de arte. Essa discussão não me diz respeito. Não me interessa pelos debates fechados do mundo dos artistas e pelas brigas dos críticos e especialistas. Eu faço esculturas para me exprimir, para gritar e para me revoltar. Quando me mudei para o Brasil, depois da guerra, foi a natureza que me devolveu a tranquilidade. Sempre, em toda a minha vida, me liguei a natureza. Mas o grande impacto se deu quando

cheguei ao Paraná, em 1952. Fui morar em Monte Alegre, construí uma casa no mato e decidi viver para pintar. Eu andava pela mata diariamente, colhendo orquídeas, e essa experiência me causou enorme impacto. Vim da Europa em 1947 e, entre 47 e 52, vivi em São Paulo. Foi no Paraná que a natureza se impôs. Por isso, volto a Curitiba para fazer a maior exposição de minha vida.

**Caderno 2 — A partir de que ponto o senhor se torna um militante da natureza?**

**Krajcberg** — Minha consciência se fez em 1975, quando fiz uma grande exposição no Beaubourg, em Paris. Durante duas ou três se-



Trabalhos para 'A Revolta': maior exposição do artista plástico

manas, passei meus dias em contato permanente com o público, discutindo os problemas ecológicos. Aqueles diálogos, aquela indignação, aqueles rostos chocados me impressionaram muito. Descobri, ali, que não devia me limitar a defender a natureza, mas que devia defendê-la através de minha arte. E que minha arte, a partir dali, tinha se transformado em um veículo.

**Caderno 2 — É nesse momento que a Amazônia surge como tema central de sua obra?**

**Krajcberg** — Exatamente. Eu só tinha visitado a Amazônia uma vez, como turista. A partir de 75, comecei a fazer longas viagens de exploração pela Amazônia. Lá, eu compreendi tudo: o planeta está sob ameaça e depende de nossa luta para que a destruição cesse. Passei, então, a fotografar a destruição e a recolher materiais da destruição para, a partir deles, esculpir. Tor-



Esculturas de Frans Krajcberg: restos da Floresta Amazônica compõem sua arte

netário e é a contrapartida do progresso. Essa resposta ecológica ao crescimento, infelizmente, não está sendo dada. Uns poucos, sozinhos, estão gritando. Mas, no geral, vigora o silêncio.

**Caderno 2 — Se entendi bem, o senhor pensa que a arte fracassou.**

**Krajcberg** — A norma artística, hoje, é o mercado. Mas o mercado está em decadência completa. Entenda o paradoxo: a arte está completamente presa ao mercado, mas ele não consegue nem mesmo sustentar as próprias pernas. Alguma coisa está completamente errada, alguma coisa se esgotou e não fomos capazes de perceber. A arte, hoje, deve ser outra coisa.

**Caderno 2 — O que o senhor achou da última Bienal de São Paulo? Ela conseguiu apontar algum caminho?**

**Krajcberg** — A última Bienal de Arte de São Paulo foi um evento que beirou o absurdo. Ela foi incapaz de acompanhar o que se passa, hoje, no mundo. A bienal está cega e não quer ver a crise que agita a arte. Ela está inteiramente atada ao mercado, tudo é planejado e concebido para satisfazer o mercado. A verdade é que, hoje, não há renovação alguma na arte. Nada se renova, tudo se repete e se dilui. É uma estupidez achar que o mercado se preocupa com a arte. Mas a Bienal de São Paulo cometeu, mais uma vez, essa estupidez.

**Caderno 2 — O que o senhor pensa do movimento ecológico? O senhor é simpatizante do Partido Verde?**

**Krajcberg** — Há 15 anos, na França, quando você falava em eco-

logia e em Partido Verde, as pessoas davam boas risadas. Na Alemanha, no entanto, havia um Partido Verde vigoroso e cheio de prestígio. Hoje, a ecologia é muito mais forte na França e o Partido Verde alemão, ao contrário, só pensa em eleger deputados. Não gosto da idéia de um Partido Verde. Vejo alguns deputados verdes em Brasília empenhados na luta pela legalização da maconha, mas completamente desinteressados na conservação da Amazônia. Nunca ouvi o grito de um deputado verde contra as queimadas que estão devastando o Brasil. Tudo o que se faz a favor da natureza é válido, mas o Partido Verde não tem grande importância.

**Caderno 2 — O senhor é pessimista quanto ao futuro da Amazônia?**

**Krajcberg** — Não sou pessimista, sou realista. Tanto

não sou pessimista que continuo a expor minha revolta. Hoje, no Brasil, só se fala em economia, como se o homem pudesse viver só de índices e de números, e a natureza não importasse mais. Precisamos saber controlar nossas riquezas, ou esse país não vai avançar. Mas, antes de mexer, é preciso estudar e planejar. A Amazônia devia, primeiro, ser estudada e preservada. Depois, pensaríamos nas riquezas a explorar. Nossa consciência ecológica, hoje, é muito ambígua. Não podemos derubar castanheiras, mas podemos queimar? A Amazônia deve ser tratada como um santuário, e não como um tesouro a ser dilapidado. Mas fazemos exatamente o contrário. Só a revolta, agora, pode dar uma resposta.

**G**ISMONTI  
 COMPÓS  
 SINFONIA  
 ECOLÓGICA

Ligue grátis já.  
**0800-15 05 05**

Peça o seu. **CREDICARD**  
 Sempre MAIS para você.

**FORTALEZA**

20:00h

Saídas de Congonhas - SP.  
 Vôo com conexão.

A partir de 17/4/95.

RESERVAS: (0800) 123-100

**TAM**  
 Um estilo de voar